



Arquivos de jornal como fontes para a reportagem jornalística: a construção do livro-reportagem *Subversivos a bordo: a história do navio-prisão Guarapuava em Corumbá (MS)*¹

Alline Ribeiro de GOIS², graduanda em Com. Social- Habilitação em Jornalismo, UFMS

Marcos Paulo da SILVA³, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo: Os jornais como fonte de pesquisa historiográfica no Brasil ganharam espaço a partir da década de 1970, impulsionado pela nova vertente discutida por historiadores da terceira geração dos Anales nas décadas finais do século XX, na França. Essa nova vertente de estudo apontava novos rumos e modos de fazer a História, no qual introduzia novos métodos de análise e crítica de documentos. Desde então, os periódicos, no Brasil, têm sido utilizados em vários tipos de produções – teses, dissertações, livros, etc. O objetivo central deste artigo é expor a importância do uso dos jornais como objeto de pesquisa para a construção de um livro-reportagem. Neste caso, a pesquisa baseou-se no estudo do periódico *Folha da Tarde*, veiculado em Corumbá (MS), em 1964. O periódico deu suporte para o conhecimento de episódios que permeavam a sociedade corumbaense após o golpe civil-militar de 1964, além de fornecer dados relevantes que não foram registrados em documentos oficiais.

Palavras-chave: historiografia, Imprensa, jornalismo.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo do 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia, realizado de 23 a 24 de junho de 2016 em Campo Grande-MS.

² Graduanda do curso de Comunicação Social - Habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: allinegois@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduiche pela Syracuse University (New York, Estados Unidos). E-mail: marcos.paulo@ufms.br



A utilização de jornais e revistas como fontes para o conhecimento da história viu-se por muito tempo relegada a um segundo plano em detrimento dos “documentos oficiais” e pelo peso da tradição historiográfica predominante no século XIX e nas décadas iniciais do XX que apregoava, sob influência do positivismo na ciência, a busca da “verdade” dos fatos históricos. Diante disso, explicita a historiadora Tania Regina de Luca (2010, p.112), caberia ao historiador valer-se exclusivamente de “fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”. Complementa a autora:

Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentados do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões (LUCA, 2010, p. 112).

A prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX. A terceira geração dos Anales, na França, apontava novos rumos e modos de fazer a História, assim como novos métodos de análise e crítica de documentos. Segundo a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, o documento é:

[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também de épocas sucessivas durante os quais continuava a viver esquecido ou manipulado. Esse produto resulta das relações de forças conflitantes e do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntário ou involuntariamente – determinada imagem da sociedade. (CAPELATO, 1998, p.24)

No Brasil, as pesquisas historiográficas começaram a se modificar a partir da década de 1970, sob a influência das escolas europeias. De acordo com Tania Regina de Luca (2010, p.118), a tese de doutoramento de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973), abria caminho para o jornal como fonte de pesquisa. Na tese de doutorado, Contier indicava essa opção ao valer-se da Linguística e da Semântica para estudar o vocabulário político-social presente num conjunto de jornais publicados entre o fim do primeiro reinado e o início da Regência. Segundo as observações da



historiadora Vavy Pacheco Borges (BORGES *apud* LUCA, 2010), esse fenômeno é significativo nas pesquisas históricas no Brasil, pois:

O pequeno uso da imprensa como fonte, apontado no início dos anos 1970 [...], inverteu-se completamente; nota-se hoje nos resumos [das teses e dissertação consultadas] um frequente uso da imprensa, seja como meio fundamental de análises das ideias e projetos políticos, da questão social, da influência do estado e da censura etc., seja como fonte complementar da história do ensino, dos comportamentos, do cotidiano. (BORGES *apud* LUCA, 2010, p.130).

Para as historiadoras Kresnisk e Aguiar (2011), o estudo da imprensa constitui-se um dos elementos fundamentais para a reconstrução histórica, pois:

[...] através do seu intermédio pode aproximar-se das práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas dentro dos diversos setores que compõem uma sociedade de forma dinâmica. Dessa maneira a imprensa tornou-se uma fonte rica e diversificada de conhecimentos, não apenas para construção de uma história da imprensa, mas abrindo a historiografia para outras possibilidades de estudo, fugindo, assim, da historiografia tradicional. (KRENISK & AGUIAR, 2011, p.2).

Para a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, os jornais são um “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos”. Além disso, o periódico, “antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época” (CAPELATO, 1988, p.13).

O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários (a exemplo do Estado Novo e da ditadura militar no Brasil), seja na difusão de propaganda política favorável ou como espaços que abrigaram fontes de contestação, resistência ou projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas de pesquisas inspiradas na renovação da abordagem dos fenômenos políticos (LUCA, 2010, p.129). Conforme argumenta Tania Regina de Luca (2010):

O historiador Jean-François Sirinelle bem observou que “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo



tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, observação extensiva aos jornais. De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, que agregam pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (LUCA , 2010, p.140)

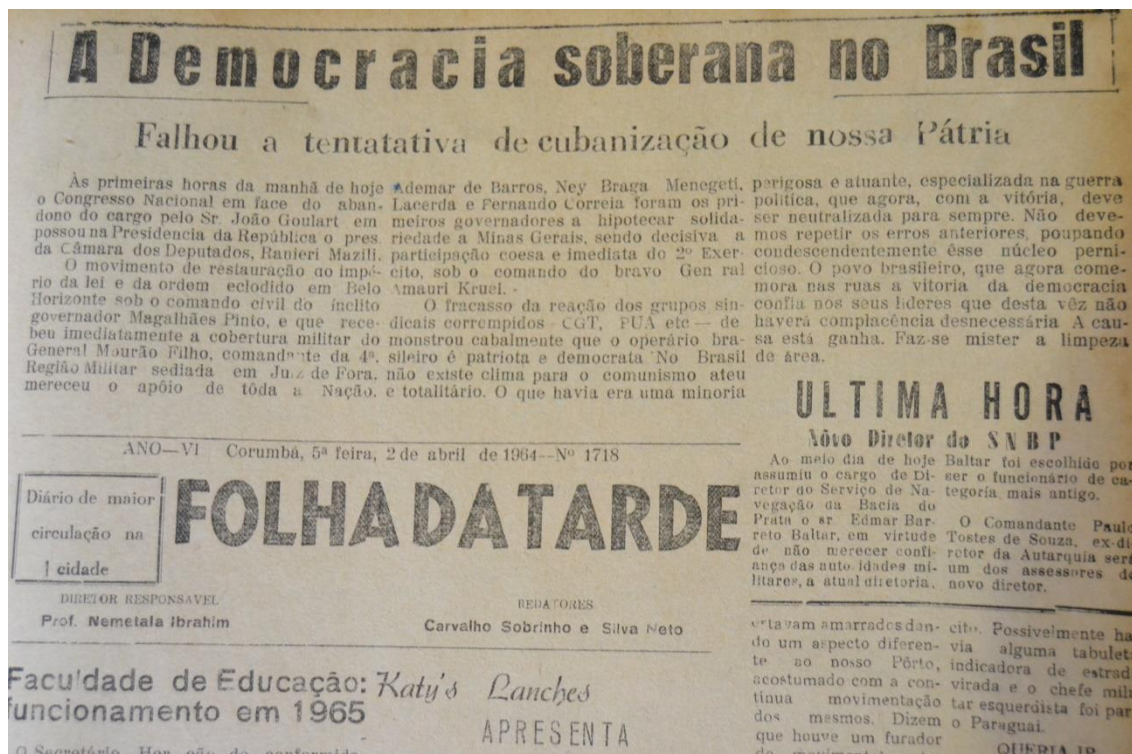
Um estudo de caso

Diante das potencialidades dos jornais como fonte de pesquisa histórica, na elaboração do livro-reportagem “*Subversivos a bordo: a história do navio-prisão Guarapuava em Corumbá (MS)*”, produzido para o projeto experimental de conclusão de curso (GÓIS & SANTOS, 2016), fez-se uso de jornais com circulação em Corumbá em 1964, notadamente o periódico *Folha da Tarde*, que, segundo informações prévias dos historiadores consultados, possuía uma linha editorial conservadora e inclinada aos ideais da direita política da época. Por meio das informações veiculadas no jornal, pôde-se ambientar os fatos que permeavam a sociedade corumbaense naquele momento, além de identificar a própria ideologia pregoada pelo veículo (que em suas manchetes saudava a “revolução vitoriosa” instaurada pelos militares).

O foco da pesquisa baseou-se em identificar como o jornal noticiava o recém-instaurado governo militar em 1964 e monitorar a repercussão que essa mudança política trouxe a sociedade corumbaense. Logo após a tomada de poder pelas autoridades militares, o *Folha da Tarde*, no dia 2 de abril de 1964, publicou a seguinte notícia: “A democracia soberana no Brasil – Falhou a tentativa de cubanização da nossa pátria”. Na matéria, o jornal retratava o levante golpista como um “movimento de restauração do império da lei e da ordem”. Além disso, disseminava valores ideológicos, como no seguinte trecho: “No Brasil não existe clima para o comunismo ateu e totalitário. O que havia era uma minoria perigosa e atuante, especializada na guerra política, que agora, com a vitória, deve ser neutralizada para sempre. Não devemos repetir os erros anteriores, poupando condescendentemente êsse núcleo pernicioso. O povo brasileiro, que agora comemora nas ruas a vitória da democracia confia nos seus líderes que desta vêz não haverá complacência desnecessária. A causa esta ganha. Faz-se mister a limpeza da área”.



Imagem 1- Edição do jornal *Folha da Tarde* do dia 2 de abril de 1964.

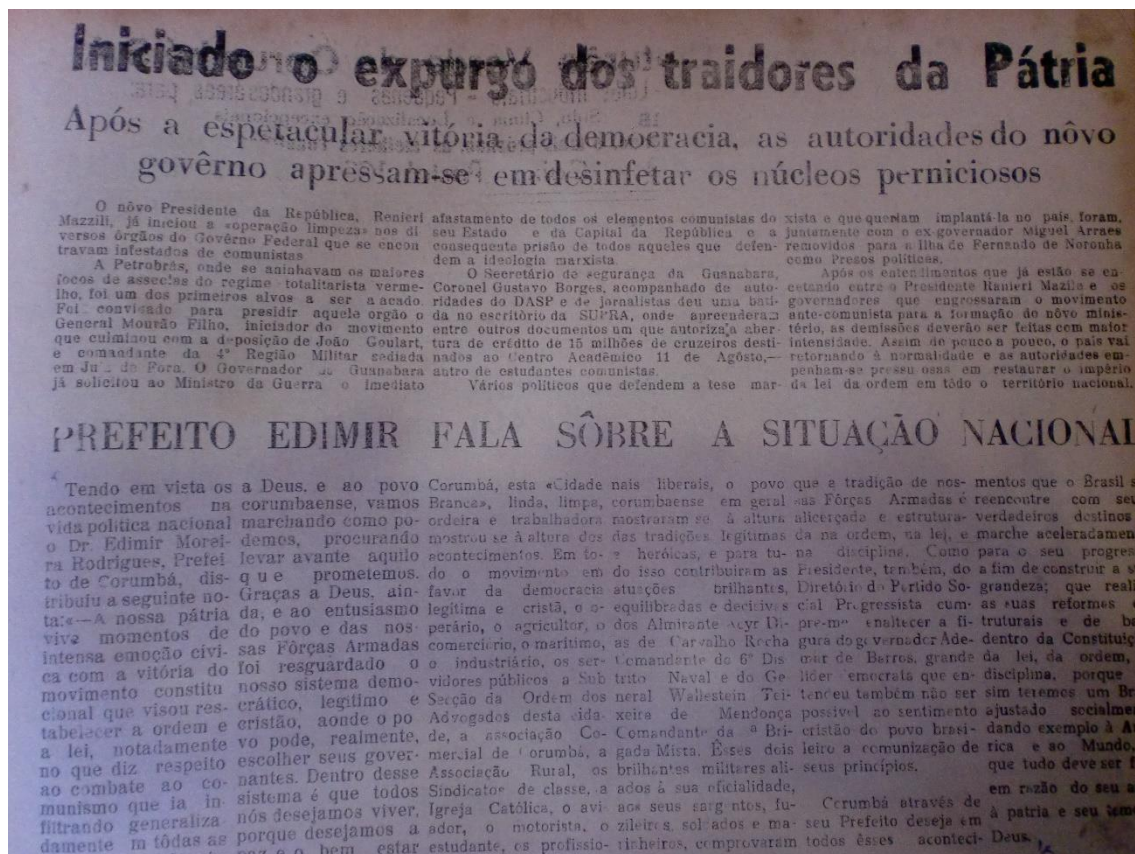


Fonte: Arquivo Instituto Luiz Albuquerque.

Outro exemplo da vertente ideológica que o jornal apregoava é a matéria publicada no dia 3 de abril de 1964, que levava o seguinte título: “Iniciado o expurgo dos traidores da pátria – Após a espetacular vitória da democracia, as autoridades do novo governo apressam-se em desinfetar os núcleos perniciosos”. O texto jornalístico apresenta aos leitores as ações governamentais que pretendia eliminar funcionários públicos que eram considerados comunistas. O periódico noticiava essa medida estatal como uma forma de “eliminar” os “focos de asseclas do regime totalitarista vermelho”. Perduraria, por varias edições, a ênfase de expor aos leitores locais que o levante golpista era uma medida necessária para restabelecer o “império da lei e da ordem”.



Imagem 2 – edição do jornal *Folha da Tarde* do dia 3 de abril de 1964.



Fonte: Arquivo Instituto Luiz Albuquerque

O jornal impresso, assim como outros meios de comunicação local, contribuiu para estabelecer na sociedade corumbaense um cenário de vigilância. Nas rádios, a lista dos políticos e cidadãos procurados pelo Comando Supremo da Revolução era lida e ensejava parte da população a delatar suspeitos de subversão. Nessa ambiente, a imprensa estabeleceu um cenário onde havia dois atores sociais: os vencidos – os responsáveis e participantes da antiga ordem política – e os vencedores – o setor civil e militar que apoiou o estabelecimento do novo governo militar.

Desde a concretização do golpe civil-militar de 1964, os cidadãos contrários ao governo instaurado eram retratados pela mídia corumbaense como “subversivos, perniciosos, minoria perigosa e traidores da pátria”. Concomitantemente, o levante



golpista era retratado como “movimento democrático, movimento revolucionário, revolução vitoriosa”.

A visão ideológica embutida nos noticiários do jornal enfatiza que a imprensa pode constituir “um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”. Capelato expõe que, “partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais” (CAPELATO, 1988, p.21).

Em relação à identificação dos personagens que tiveram um papel importante no período estudado (os três primeiros meses posteriores à instauração de o governo militar), o jornal *Folha da Tarde* forneceu à pesquisa uma forma de rastrear as ações de autoridades políticas e militares e, também, detectar o viés ideológico que alguns setores da sociedade defendiam. Um dos personagens da época que utilizou o meio de comunicação para tornar público seu discurso em prol da nova ordem política foi o prefeito Municipal de Corumbá, Edmir Moreira Rodrigues, do Partido Social Progressista. No dia 3 de abril de 1964, o *Folha da Tarde* publicava a declaração do político: “A nossa pátria vive momentos de intensa emoção cívica com a vitória do movimento constitucional que visou estabelecer a ordem e a lei, notadamente no que diz respeito ao combate ao comunismo que ia infiltrando generalizadamente em tôdas (Sic.) as atividades nacionais, paralisando-a no seu progresso assustador”.

O acesso às declarações de várias autoridades do município de Corumbá contribuiu para identificar parte da força política e ideológica que influenciava o *modus operandi* da sociedade. Segundo Capelato, “os vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativo de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p.34).

É notável o poder que a imprensa tem de influenciar e propagar uma ideologia. Com a nova vertente de estudos estabelecida pela terceira geração dos Anales, a imprensa “passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas



sociais de uma época” (CAPELATO, 1988, p.24). De acordo com Le Goff, o documento não é inócuo. Pois, por meio dele, no caso o jornal, “é antes de mais nada, o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente, da história da época, a sociedade que o produziu” (LE GOFF, 2003, p. 538). Capelato complementa que:

A possibilidade de analisar as formas de representação de um dado contexto levou os historiadores a voltar-se para este tipo de documento antes praticamente descartado. O jornal, nesse sentido, não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade (CAPELATO, 1988).

Afinal, segundo o historiador Roger Chartier o campo das representações podem incluir as formas de pensar, sentir e agir, transformando-se em máquina de fabricar respeito e submissão. (CHARTIER *apud* CALONGA, 2012). Portanto, conclui Chartier, torna-se fundamental “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER *apud* CALONGA, 2012, p.7).

Outro aspecto importante que a pesquisa nos jornais proporcionou foi monitorar as manifestações populares que ocorriam no período investigado. Uma dessas manifestações foi a Marcha da família com Deus pela Liberdade, que inicialmente ocorreu em São Paulo e se espalhou para as demais capitais brasileiras. Por meio do *Folha da Tarde* de Corumbá e outros jornais de Campo Grande, como o *Jornal do Comércio*, a população do Estado de Mato Grosso era convidada à se manifestar a favor do novo governo instituído.

O jornal também foi propulsor da Campanha Ouro para o Bem do Brasil, que movimentou parte da sociedade corumbaense. No periódico, os cidadãos locais eram convidados a doarem objetos de ouro para ajudar a impulsionar a economia brasileira. Outra contribuição importante foi o acesso a dados que não foram registrados em documentos oficiais. Um exemplo, o valor arrecadado pela campanha em Corumbá, que segundo o *Folha da tarde*, totalizou dois milhões e meio de cruzeiro.



As suítes das notícias da Campanha Ouro para o Bem do Brasil, assim como as da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, demonstra o poder mobilizador que o jornal conseguiu através das matérias que convocavam a população do Estado a se manifestar a favor do novo governo militar instaurado.

De acordo com Capelato, o jornal é um meio que possibilita atrair o público e conquistar seus corações e mentes. “A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos” (CAPELATO, 1988, p.15).

Durante o processo de pesquisa, os periódicos também tiveram um papel importante para traçar a cronologia de alguns fatos que ocorreram em Corumbá. Como a visita do prefeito Edmir Moreira ao navio-prisão Guarapuava, a exoneração do diretor do Serviço Nacional da Bacia do Prata após o golpe militar, a cassação dos vereadores da Câmara Municipal, entre outros fatos relevantes para relatar os reflexos da ditadura militar no município.

Considerações finais

O foco da pesquisa resultou na construção do livro-reportagem “*Subversivos a bordo: a história do navio-prisão Guarapuava em Corumbá (MS)*”(GÓIS & SANTOS, 2016), que conta a história da embarcação Guarapuava e da perseguição aos cidadãos considerados subversivos – um fato que ocorreu há exatamente cinquenta e dois anos atrás – o jornal *Folha da Tarde*, portanto, constituiu uma rica fonte de investigação diante da dificuldade para encontrar personagens vivos e documentos oficiais que pudesse relatar esse episódio.

Por fim, a escolha do jornal como objeto de estudo “justifica-se por entender que a imprensa pode ser fundamentalmente um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social



na qual se insere. (CAPELATO *apud* CALONGA). No desenvolvimento do trabalho, a pesquisa em jornais foi um instrumento importante para conhecer o ambiente social que seria abordado na construção do livro-reportagem. Além disso, foi possível fazer uma abordagem do viés ideológico propagado pelo veículo – que apoiava o governo militar instaurado em 1964 – expondo que, assim como o jornal *Folha da Tarde*, vários jornais do país foi utilizado para legitimar um discurso em prol do governo imposto pelas autoridades militares.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Maria do Carmo Pinto; KRENISK, Gislaine Carla. **O jornal como fonte histórica**: a representação e o imaginário sobre o vagabundo na imprensa brasileira. Anais do XXVI Simpósio de História, São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138_ARQUIVO_artigovagabundos-1.pdf>. Acesso em: 08 dez 2015.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações**: objeto ou fonte da história?. 1º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia, Dourados, 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/7.pdf>>. Acesso em 15 maio 2016.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- GOIS, Alline Ribeiro; SANTOS, Ricardo Maia. **Subversivos a bordo**: A história do navio-prisão Guarapuava em Corumbá (MS). Campo Grande, 2016.
- LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.